

ANEXO IV TEXTOS DRAMÁTICOS

TEXTO I

A MAIS FORTE - Strindberg (Trecho para gravação)

Sra. X – (*Pensativa*) Foi tão esquisito o modo como nos conhecemos. Sabe, quando nos encontramos pela primeira vez, eu tive medo de você, tive tanto medo que não ousava perdê-la de vista. Arrumei minhas idas e vindas de modo a estar sempre perto de você. Não ousava ser sua inimiga e por isso me tornei sua amiga. Mas quando você visitava nossa casa, eu tinha sempre uma sensação desagradável, pois via que meu marido não gostava de você e isso me irritava... Como um vestido que não assenta bem. Fiz tudo o que podia para que ele fosse gentil mas não adiantava... Até que você ficou noiva. Aí ficaram tão amigos que parecia que só então vocês ousavam mostrar seus sentimentos verdadeiros... Quando já estavam em segurança. E então, deixe-me ver, como é que foi depois? Eu não tinha ciúmes... É engraçado. E eu me lembro da crisma, quando você foi madrinha, eu disse a ele que a beijasse. Ele beijou e você ficou tão incomodada... Na verdade, não notei isso naquele momento... Também não pensei nisso depois... Nunca pensei nisso... a não ser agora! (*Ergue-se, abrupta*) Por que você não diz alguma coisa? Não disse uma palavra o tempo todo. Só deixou que eu falasse. Ficou aí, sentada, com esses olhos, extraindo todos esses pensamentos de mim... Estavam em mim como a seda num casulo... pensamentos... Pensamentos errados? Deixe-me pensar. Por que você rompeu seu noivado? Por que nunca mais nos visitou desde então? Por que não quer vir esta noite?

Texto na íntegra para referência:

<https://drive.google.com/file/d/13ndKivDrRzYMFffuL6UB4fHqVmckKAr/view?usp=sharing>

TEXTO II

ANTES DO FIM - Marcelo Bourscheid (Trecho para gravação)

Orestes - é loucura minha irmã?
estamos todos loucos esta espera infinita
é só um sintoma da nossa loucura
estamos todos esperando que você nos devolva a sanidade
que nos devolva a vida
pois desde que você partiu estamos mortos
nem a casa nova nem o mar
nem esta festa que celebra a sua volta
nada apaga a nossa morte a nossa
morte por falta de amor por não
sabermos falar deste amor estamos todos mortos
mas por aqui ainda
ressoa
a memória de nossos passos sobre o cascalho
o grito que não pronunciamos ainda ecoa
pelo vale
a lágrima contida permanece no orvalho sobre o mato
que cobre a velha casa abandonada a casa que
abandonamos para esquecer do seu abandono mas de
todas as ausências
a que se faz mais presente
é a da palavra amor
tão simples
tão exata
tão ancestral
tão só uma palavra
tão fácil de dizer
e que nós tão
tolos não
dissemos

Texto na íntegra para referência:

https://drive.google.com/file/d/1cuctG7HBxK87qULPuM6SYGoJy3_nCmhq/viaw?usp=sharing

TEXTO III

A NOITE ANTES DA FLORESTA - Bernard-Marie Koltés (Trecho para gravação) Você estava virando a esquina quando eu te vi, e não é bom tomar essa chuva e ficar com a roupa e o cabelo molhado, mas assim mesmo eu tomei coragem e agora que estou aqui, não quero nem me olhar no espelho, eu ia ter que me secar, e pra isso tinha que voltar lá embaixo – pelo menos secar o cabelo pra não ficar doente, eu acabei de descer pra tentar me arrumar, mas tem aqueles merdas lá embaixo, parados: toda vez que você quer secar o cabelo eles ficam o tempo todo atrás de você te olhando, então eu dei uma mijada - subi com a roupa molhada mesmo: e vou ficar assim até eu achar um lugar, e assim que estiver no quarto, eu vou poder tirar essa roupa toda, e é por isso que eu estou procurando um quarto, porque na minha casa não dá, eu não posso voltar pra lá- pelo menos não até o fim da noite - por isso você, quando te vi, virando a esquina, lá atrás, eu corri, e pensei: nada mais fácil que encontrar um quarto por uma noite, se é isso que você quer, nada mais fácil se você tiver coragem pra pedir um com essa roupa molhada, e esse cabelo, e isso apesar dessa chuva que não me deixa nem me olhar no espelho- mesmo que você não queira se olhar é difícil não se olhar, com todos esses espelhos que existem nos bares e nos hotéis, eles deviam estar atrás da gente, como agora que eles estão olhando pra você, eu sempre deixo eles de costas para mim, mesmo na minha casa, mas tem espelho demais em todos os lugares...

Texto na íntegra para referência:

<https://drive.google.com/file/d/1g3qP0qmyLa5ZRI8ZGK3F5RYRFut-vowb/view?usp=sharing>

TEXTO IV

AGRESTE - Newton Moreno (Trecho para gravação)

Contador(a)

Foi só delegado sair latindo pela caatinga, e os gritos voltaram. Um grupo velou a madrugada inteira com impropérios, xingamentos, escárnios, maldições, pragas. Criaram um ódio. Desenterraram a pior parte deles. Desenterraram as piores palavras da língua. Nem bem a madrugada se punha, trancaram portas e janelas da casa delas. Envergonhavam-se delas. Queriam apagá-las de suas memórias. Cercaram a casa. Enterravam-nas vivas. Não se sabe quem foi, quantos eram. Nem quem acendeu o primeiro fósforo. Começaram a incendiar o casebre. Mal sabiam que, dentro, a viúva agradecia a benção de morrer com Etevaldo. Temia muito mais viver sem ele, por certo. Tinha cantado bonito, Deus tinha-lhe ouvido afinal. O fogo já empenava as paredes. Mesmo assim, a viúva acendeu o candeeiro. Viu-se por inteiro pela primeira vez. Descobriu então o que era mulher. Pôs-se ao lado de Etevaldo. Beijou-o. Na boca. O que nunca tinha feito. Abriu-lhe os olhos no meio do beijo, enquanto o fogo ganhava a casa inteira. *(Pausa)* O dia amanhecia e as fagulhas resistiram queimando por dias. Cinzas. Silêncio. As fagulhas, em suspenso, como um eco, pairavam, sobre lavouras, varais e gerações.

Texto na íntegra para referência:

https://drive.google.com/file/d/1LzjiPru4jk54QAZLZZ_YWYTKvgsARaNK/view?usp=sharing

TEXTO V

ESPERANDO GODOT - Samuel Beckett (Trecho para gravação)

POZZO - *(Que não escutou)* Ah, sim, a noite! *(Levanta a cabeça)* Mas prestem um pouco mais de atenção se não, não acabaremos nunca. *(Olha ao céu)* Olhem. *(Todos olham, exceto Lucky, que voltou a adormecer-se. Pozzo se dá conta e tira da corda)* Quer olhar ao céu, porco? *(Lucky volta a cabeça)* Bom, basta! *(Abaixam a cabeça)* O que tem de extraordinário? Como céu? É pálido e luminoso, como qualquer outro céu a esta mesma hora. *(Pausa)* Nestas latitudes. *(Pausa)* Quando faz bom tempo. *(Sua voz adquire um tom cantarino)* Faz uma hora *(Olha seu relógio; em tom prosaico)* aproximadamente, *(Outra vez em tom lírico)* depois de nos haver enviado desde... *(Vacila, em tom baixo)* suponhamos as dez da manhã,... *(Levanta a voz)* sem cessar correntes de luz vermelha e branca, começou a perder seu resplendor, a empalidecer, *(Gesto com as duas mãos, que baixa escalonadamente)* a empalidecer, sempre um pouco mais, um pouco mais, até que, *(Pausa dramática, longo gesto horizontal com ambas as mãos que se separam)* zas! Acabou-se! Já não se move! *(Silêncio)* Mas, *(Levanta a mão como advertência)* mas depois desse véu de doçura e calma *(Levanta os olhos para o céu, imitando-lhe os outros, exceto Lucky)* a noite e galopa *(A voz se faz mais vibrante)* e virá a jogar-se sobre nós, *(Estala os dedos)* paff! Assim, *(Vai a inspiração)* quando menos esperemos. *(Silêncio. Voz taciturna)* Isso é o que acontece nesta puta terra.

Texto na íntegra para referência:

<https://drive.google.com/file/d/13KIAB1yg1eg893LkETP7q13mqmaZoM1T/view?usp=sharing>

TEXTO VI

GOTA D'ÁGUA - Chico Buarque (Trecho para gravação)

JOANA — Pois bem, você
vai escutar as contas que eu vou lhe fazer:
te conheci moleque, frouxo, perna bamba,
barba rala, calça larga, bolso sem fundo
Não sabia nada de mulher nem de samba
e tinha um putinho dum medo de olhar pro mundo
As marcas do homem, uma a uma, Jasão,
tu tirou todas de mim. O primeiro prato,
o primeiro aplauso, a primeira inspiração,
a primeira gravata, o primeiro sapato
de duas cores, lembra? O primeiro cigarro,
a primeira bebedeira, o primeiro filho,
o primeiro violão, o primeiro sarro,
o primeiro refrão e o primeiro estribilho
Te dei cada sinal do teu temperamento
Te dei matéria-prima para o teu tutano
E mesmo essa ambição que, neste momento,
se volta contra mim, eu te dei, por engano
Fui eu, Jasão, você não se encontrou na rua
Você andava tonto quando eu te encontrei
Fabriquei energia que não era tua
pra iluminar uma estrada que eu te apontei
E foi assim, enfim, que eu vi nascer do nada
uma alma ansiosa, faminta, buliçosa,
uma alma de homem. Enquanto eu, enciumada
dessa explosão, ao mesmo tempo, eu, vaidosa,
orgulhosa de ti, Jasão, era feliz,
eu era feliz, Jasão, feliz e iludida,
porque o que eu não imaginava, quando fiz
dos meus dez anos a mais uma sobrevivida
pra completar a vida que você não tinha,
é que estava desperdiçando o meu alento,
estava vestindo um boneco de farinha
Assim que bateu o primeiro pé-de-vento,
assim que despontou um segundo horizonte,
lá se foi meu homem-orgulho, minha obra
completa, lá se foi pro acervo de Creonte...
Certo, o que eu não tenho, Creonte tem de sobra
Prestígio, posição... Teu samba vai tocar
em tudo quanto é programa. Tenho certeza
que a gota d'água não vai parar de pingar
de boca em boca... Em troca pela gentileza
vais engolir a filha, aquela mosca morta,
como engoliu meus dez anos. Esse é o teu preço,
dez anos. Até que apareça uma outra porta

que te leve direto pro inferno. Conheço
a vida, rapaz. Só de ambição, sem amor,
tua alma vai ficar torta, desgrenhada,
aleijada, pestilenta... Aproveitador!
Aproveitador!...

Texto na íntegra para referência:

[https://drive.google.com/file/d/1Ce51EjlxatGFkFMT2GHVM3WM-PyqHMgX/v
iew?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1Ce51EjlxatGFkFMT2GHVM3WM-PyqHMgX/view?usp=sharing)

TEXTO VII

POR ELISE - Grace Passô (Trecho para gravação)

Dona de casa - Eu sou a mulher que há alguns anos plantou um simples pé de abacate no quintal de sua casa. E ele cresceu. E então eu vivo assim. Assim! **(ela sente medo!)** Cuidado com o que planta no mundo! Mas por aqui, como eu, existem outros moradores desprotegidos, mesmo com cães dentro de casa. Companheiros de muros: muros de tijolos, muros de pele. Sabe, “Proteção” é mesmo bem importante. Eu, por exemplo, sempre quis colocar colchões largos em volta do pé de abacate de minha casa. Sim, colchões. Já passei muito tempo imaginando essa cena: de abacates caindo sem medo do alto dos ramos das árvores. Sem medo. Em colchões. Lá do alto eles talvez pensassem a dureza que seria o fim da queda, mas não seria. Eu queria a natureza mais doce. Ainda a respeito de “Proteção”, gostaria de dizer que os cães latem o que escutam nas casas de seus donos, de seus vizinhos. Dizem. Por aqui eu sempre os ouço. Ouço o cão. Na casa ao lado? Na rua? Na minha própria casa? Eu ainda não conheci quem não escuta um cão no seu silêncio tão particular. Cão é o que não é oco. É o que não está oco. Dizem. Dizem que os cães ouvem muito melhor que nós. O coração, por exemplo, eles não escutam “tum tum tum!” como nós ouvimos, e sim “quem, quem quem”. Dizem que é porque o coração é aquele que ouve uma voz desesperada loooonge, gritando: “EU TE AMO! EU TE AMO!”, e então bate desesperado respondendo: Quem! Quem! Quem, Quem, Quem, Quem, Quem, Quem, Quem?”. E “gente” é quem, também no desespero, manda essa voz se calar. Dizem. Mas dizem também por aqui que eu sei de muita coisa. Mentira! É claro que eu sei de algumas coisinhas; a vida também não é assim tão imprevisível. O carro de lixo, por exemplo, passa todas as terças pela manhã.

Texto na íntegra para referência:

https://drive.google.com/file/d/12ykxu-CYgivFEDNaKBIOvsd_R9TgM8yu/view?usp=sharing

TEXTO VIII

PSICOSE 4H48 - Sarah Kane (Trecho para gravação)

Um quarto de faces sem expressão que encaram com indiferença a minha dor, tão desprovidas de significado que deve haver uma intenção diabólica.

Dr. Isso e Dr. Aquilo e Dr. Oqueéisso que estava apenas de passagem e achou que poderia entrar para tirar um sarro também. Queimando num túnel quente de desalento, minha humilhação completa por eu tremer sem razão e por tropeçar nas palavras e por não ter nada a dizer sobre minha "doença" que de qualquer maneira é apenas saber que não há significado em coisa nenhuma porque eu vou morrer. E estou num beco sem saída levada por aquela voz suave e psiquiátrica da razão que me diz que há uma realidade objetiva na qual meu corpo e mente são uma coisa só. Mas não estou aqui nem nunca estive. Dr. Isso escreve e Dr. Aquilo tenta um murmúrio simpático. Me assistindo, me julgando, cheirando o fracasso paralisante que escorre da minha pele, meu desespero me rasgando e o pânico me consumindo me encharcando enquanto eu abro a boca de horror para o mundo e penso por que todos estão sorrindo e me olhando com um conhecimento secreto da minha dolorosa vergonha.

Vergonha vergonha vergonha.
Afogada na sua vergonha de merda.

Médicos misteriosos, médicos sensatos, médicos excêntricos, médicos que você pensaria que são uns porras de uns pacientes se não lhe mostrassem provas do contrário, fazem as mesmas perguntas, colocam palavras na minha boca, oferecem curas químicas para angústias congênitas e cobrem os rabos uns dos outros até eu querer gritar por você, a única médica que me tocou voluntariamente, que olhou nos meus olhos, que riu do meu humor mórbido falado numa voz vinda de dentro do meu túmulo recém-cavado, que tirou um sarro quando eu raspei minha cabeça, que mentiu e disse que era legal me ver. Que mentiu. E disse que era legal me ver. Eu confiei em você, eu amei você, e não é perder você que me machuca, mas sim sua falsidade fodida e descarada que se mascara em notas médicas.

Texto na íntegra para referência:

https://drive.google.com/file/d/1z6XYCOUezWyqoC0AS8s1pnJg1F16vZ_m/view?usp=sharing